

# MARIA DO RESPONDE AO Q

— Qual é para si o cúmulo da miséria moral?

— A escravatura, seja governativa, hierárquica ou afectiva.

— Onde gostaria de viver?

— Onde todas as minhas perguntas obtivessem imediata resposta, onde não faltasse o pão, nem surgisse o ódio. Se isto acontecesse em Paris, tanto melhor!

— O seu ideal de felicidade terrestre?

— A inteligência universalizada. Só a inteligência proporciona a felicidade. Só a inteligência aceita e respeita as divergências humanas.

— Que culpas a seu ver requerem mais indulgência?

— As que tenham por mobil a fome e a ignorância.

— E menos indulgência?

— A divulgação de falsas doutrinas, o comércio de acusações.

— Qual é a sua personalidade histórica favorita?

— Em cada época, aquele que defendeu os oprimidos, o que advogou o direito de igualdade, aquele que ergueu o valor humano acima do fausto e da degradação.

— E as heroínas mais admiradas na vida real?

— As que todos os dias repetem os mesmos gestos, as

ram «degraus» na escada do «palácio».

— O seu músico favorito?

— Em certas horas Beetho-



ven, noutras Debussy, noutras Dvorak.

— Que qualidades mais aprecia no homem?

— O asseio. Asseio físico e psíquico, sem que a falta de um seja compensada pelo outro.

— E na mulher?

— A feminilidade quando acompanha uma posição de trabalho equivalente à do homem.

— Qual é a sua ocupação favorita?

— Sentir que caminho em

# JOVEM PINTURA

(Continuação da página 1)

vê. As pessoas pensam na razão que levou o prémio da Crítica a ser atribuído a Pierro Graziani (França) que pinta como o falecido Tiépolo. Se ele tivesse seguido as tendências mais obstinadas da jovem pintura, teria antes sido atribuído a Peter Blake ou a Niki de Saint-Phalle, ou melhor ainda, à bicicleta empacotada de Christo.

Há aqui matéria para reflexão, porque a corrente actual favorece os objectos, o que faz com que encontremos muitos e direi mesmo bonitos, arriscando-me a contrariar os pintores. Por outro lado, dá-se um lugar de honra à pintura que é ali, devemos dizê-lo, como que um fogo-fátuo.

O mundo está entre dois sistemas antagónicos. Um deles é o da reprodução e da cópia que seria, biologicamente falando, um contágio, e o outro um desejo de diferenciação que seria psicologicamente falando o espírito de contradição.

É estranho verificar como cada desígnio falha o seu objectivo e atinge o outro. Assim, a pintura quer ser ao mesmo tempo esotérica e grande público. Mas como realizar a ocultação da arte quando se trabalha na cultura das multidões?

Por outro lado, como pode um pintor mártir andar de Cadillac? E todos os pintores querem ser pintores malditos e ter fortuna. Ora um pintor que deixa de ser um pintor maldito é um pintor burguez.

Outra coisa. Como pode um génio obter de repente os sufrágios do público? E, de resto, o que é o génio? Para se fazer honestamente

a crítica das obras modernas, era preciso ter-se uma ideia do que pode significar esta palavra.

é verdade que a maneira como se dá vale mais do que aquilo que se dá.

## TRABALHOS DE EQUIPA

Voltando à bienal, o que mais nos impressiona não são as obras individuais. Todo o seu brilho provém dos trabalhos de equipa, onde encontrou a substância orgânica que a compõe. Há nela tantos sistemas e tão diferentes que nos sentimos surpreendidos. E pode medir-se a diferença de atracção entre uma tela colocada num canto sombrio e fresco e a inspiração alimentada daqueles deambulatórios diante dos quais se fazia bicha.

O Matadouro, por exemplo, mostrava ao mesmo tempo o estripado, a múmia e os instrumentos de suplício, misturando a Idade-Média e o nazismo e enraizando-os nos túmulos etruscos.

O brilhante itinerário do grupo de investigações visuais mostrava a física bem pura e limpa de todo o aborrecimento circunstancial da escolariedade que trazemos em nós como o pecado original, quando evidentemente se trata do futuro e da magia de uma realidade contemporânea provisoriamente prorrogada.

Se houvesse necessidade de coroar a exposição, não saberíamos dizer quem mereceria o prémio, se a Inglaterra se a Coreia. Quer se trate de uma matéria nítida, metódica e concisa como é o caso da Coreia, quer, pelo contrário, se trate de um profundo impulso de juventude e fantasia misturadas a um humor que só à Inglaterra pertence. Trata-se de dois êxitos que merecem ser assinalados. Porque

## PAÍSES NOVOS, PINTURA NOVA

Algumas secções, a do Congo, por exemplo, e a do Paquistão com Rashid Choadhury, apresentavam obras mais do que estimáveis. Estes países abordam a arte moderna com uma grande franqueza e têm menos recordações e ideias obsecantes. Mais alma e mais profundidade. Gostaríamos que todos os anos certas secções se reunissem. O que se faz com as equipas, não seria possível fazê-lo com os continentes: a Africa, a Insulindia? O confronto seria então mais justo, mais válido e aproveitável.

JULIEN ALVARD